UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA E TEORIA DA ARTE

Meu caminho é de pedra como posso sonhar

Por Walla Capelobo

Rio de Janeiro
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTORIA E TEORIA DA ARTE

CURSO GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA ARTE

MODALIDADE: BACHARELADO

Meu caminho é de pedra como posso sonhar

Por, Walla Capelobo

Memorial analítico apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel em História da Arte, realizada sob a orientação do Professor Dr. Vinicios Ribeiro.

Rio de Janeiro
2019

WALLA CAPELOBO

Meu caminho é de pedra como posso sonhar

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vinicios Ribeiro (Orientador)
UFRJ

Profª. Drª. Cintia Guedes
UFRJ

Profª. Drª. Camilla Bastos Bacellar
UNIRIO

Rio de Janeiro, 2019

Agradecimentos

A força circular do tempo,
aos meus ancestrais do passado
e do futuro.

RESUMO

Os milagres devem ser contados e celebrados. Travessias de escritas que não tem inicio nem fim. É circulo, é gira. Escrevo um ex-voto para me lembrar que tudo isso pode doer menos. Situei-me no espaço e no tempo e vi que o perigo sempre viveu do meu lado. Parei e pedi ajuda, mudei de direção. Ajuda de quem encontrou formas no passado para sobreviver a ficção brasil e me acerto com eles. Caminho e recebo o carinho de quem me quer bem e que me conhece mais do que eu mesma. É sobre vida.

Palavras chave: Milagres; travessias; ancestralidade;

ABSTRACT

Miracles are to be numbered and celebrated. Crossings of writings that have neither beginning nor end. It's circle, it's spinning. I write an ex-voto to remind myself that all this can hurt less. I stood in space and time and saw that danger always lived on my side. I stopped and asked for help, I changed direction. Help from those who found ways in the past to survive the Brazilian fiction and I hit them. I walk and receive the affection of those who love me and who know me more than I do. It's about life.

Keywords: Miracles; crossings; ancestry;

SUMARIO

AGRADECIMENTO …… 4

RESUMO …….. 5

ABSTRACT …….. 6

CONVITE A TRAVESSIA …….. 8

CAPÍTULO 1: DESENHO DE ESCRITA ……..9

CAPÍTULO 2: EX-VOTO ……13

CAPÍTULO 3: ROSARIO ……..36

CAPÍTULO 4: DEUS É TRAVESTI ……56

PEQUENO MAPA DO TEMPO ……... 57

BIBLIOGRAFIA ……59

CONVITE A TRAVESSIA

Convido a se encantar nas próximas páginas com minhas escritas. Uma travessia entre dimensões cósmicas que tem me ajudado a querer estar viva. Meu caminho é de pedra como posso sonhar é um conto de celebração do milagre da vida. Como minha vó baiana, trago na pele a marca de ter a estranha mania de ter fé na vida.

Escritas de quando vem a força e a alegria, dos movimentos circulares que ando me metendo. Construi um altar pra lembrar dos milagres feitos de cravo e canela. Ouvidos atentas as mais velhas e as trago com força aqui. Mestras e mestres, poetas e cantores, escrevi o que se fala por ai.

Amo quando Audre Lorde diz que as ferramentas do senhor não destruíram a casa-grande e que isso só é um problema pra quem acredita na casa-grande como possibilidade de vida. Quando Aimé Césare diz que o colonialismo é indefensável. Fugi deles mais uma vez, não acredito na brancura ficcional como parâmetro de nada, fiz teoria com maior preocupação em sentir à entender. Nada novo, só entrei no círculo.

Escrita audivel, grande parte das citações são canções. A Milton Nascimento explodiu meu coração, chorei, sorri, gritei e lembrei. Suas palavras de minha mais velha mineira me embalaram em rios de escrita. Tem milton para todo canto, à começar do nome do trabalho que é parte da música travessia, poesia em que o cantor conta como com a força do braço se fz o viver.

Escritas de desenho, coisas que não consegui digitar. Percepções obtidas pelas ideias de escrita pra o sistema linguístico yanomami. Kopenawa em momentos diversos de *a queda do céu* relata sobre como a escrita no papel faz com que quem escreve logo esqueça, para ele a escrita está na pele, no corpo, ele é o texto, eu sou esse texto.

Ex-voto a mata que tudo me alimenta, não trouxe nada e vou sem nada, aqui tudo tenho graças aos que me protegem.

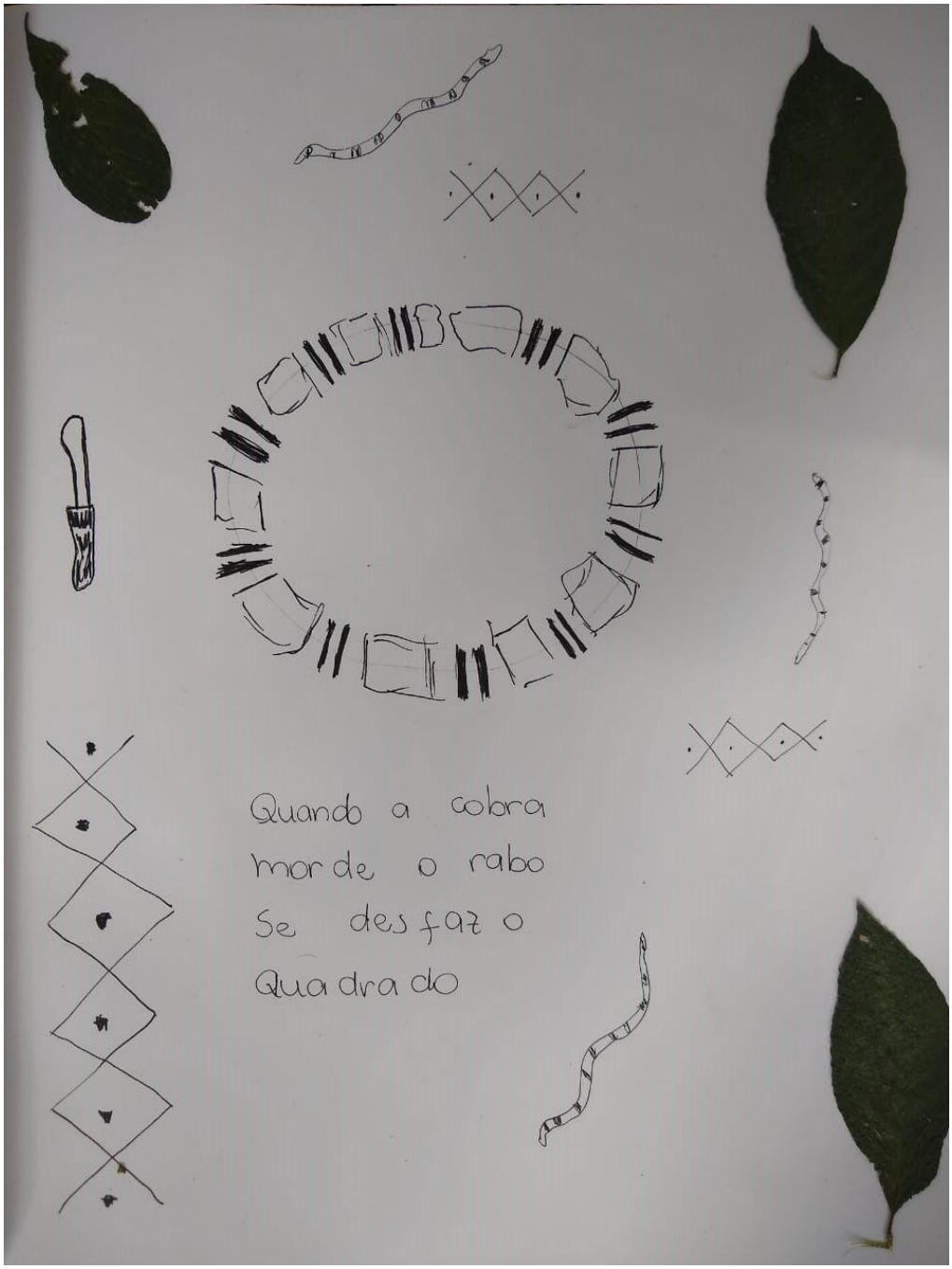
Rosario para lembrar do lado de lá do atlântico que mora dentro da gente.

Deus é travesti, nossa mandinga é antiga.

É um convite a se perder pra se achar.

CAPÍTULO 1

DESENHO DE ESCRITA



O mais velho só existe
porque existe o mais novo

Quem nunca passou por
Encruzilhada, não
Sabe escolher caminho

Irmandades

Silensiosa
e
Serena

Curanderismo

Encanto

vive, fala
apresenta

Certeira e
Circular
pega quem
distraído
passar

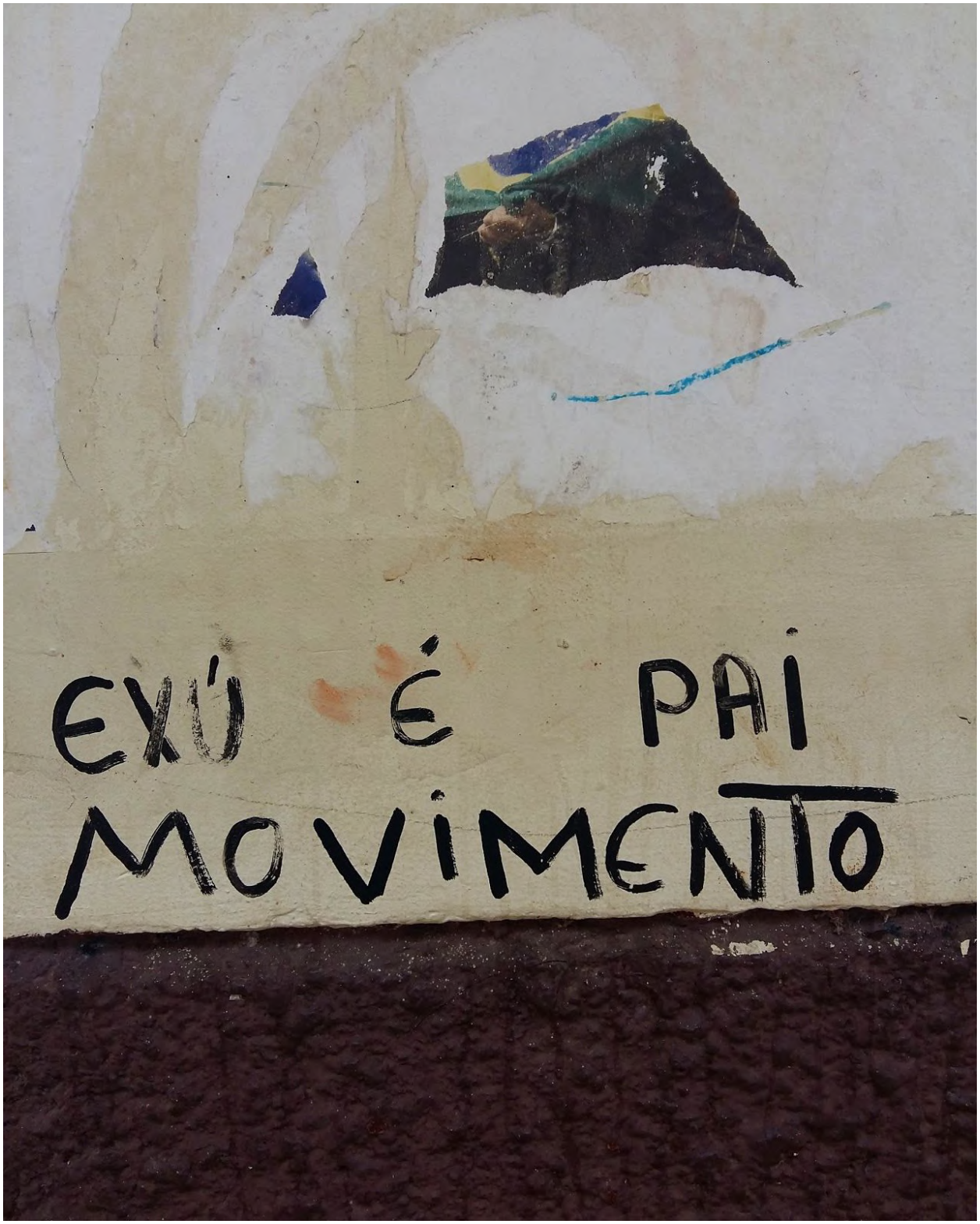
tudo é possível

milagres

O senhor sabe o que é
silêncio é?
É a gente mesmo,
demais.

E lá se vai
mais um
dia

O sustento do que sente
e não vê


EXÚ É PAI
MOVIMENTO

Onde a onça bebe
e a serpente espia

Chero de arruda

manjericão

Pérégún

Boldo alivia
o frio
na barriga

Oriri pra cabeça
Ruim

Espada de Santa Barbara

Espada de São Jorge

Pimenta

Leiteiro-vermelho
no
olho e leite de peito
pra parar de
arder

girassol

a diferença entre o
remédio chá de
Y alecrim
o veneno é a quantidade

o que gira
flui

e caminho

Desata nó

Levante

Pé, pé, pé
de
Guiné

ninguém tira
a nossa
força, ninguém
tira a nossa
fé

Argileira

Oferça o
milho

Raízes Expostas são trilhas

Beija-flor

comigo-ninguém-pode
na
boca da flecha

mamona
é
guerra

Guiné
amansa
Senhor

Patchouli

CAPÍTULO 2:

EX- VOTO

Ex-voto 4598

Travesti nossa que estais no céu,
santificado seja o nosso nome,
Alice, Cecilia, Eoa, Erica, Olga, Amara,
Ela, Ametista, Elixa, Matheusa

Deus é Travesti - Alice Guél

Deixo um ex-voto no mundo. Conto os milagres de estar viva. Registro aqui como estou fazendo para ficar viva na ficção colonial brasil, a distopia nação que não se cansa de atualizar as máquinas de morte sobre as corpas TLGBQI+[1] e racializadas (pretas y pindoramicas[1]). Escrevo aqui para me ajudar a lembrar dos processos constantes de cura, reflexão, ação e serenidade.Conto um pouco dos meus processos para que as que vierem depois de mim consigam atualizar essas ferramentas para seu espaço tempo, como simultâneamente, eu opero com os conhecimentos ancestrais que chegam pelo balançar da arruda pelo vento, que tem a calma de saber que o vento só venta quando tem que ventar.

Um ex-voto escrito. Ex-voto significa por força de uma promessa, por um voto, trata de um presente dado por um fiel ao seu santo de devoção e consagração, renovação ou agradecimento de uma promessa. Registro material de um milagre alcançado, acontecimento fora do comum, inexplicável pelas leis da racionalidade branca ocidental. Acontecimento formidável, estupendo, motivo de grande felicidade e alegria de estar viva.

Se é um presente pro meu santo protetor tem que ser um presente de roda e que não pode ser feito sozinha. Fecho os olhos e tento lembrar. A fina camada epidérmica da minha corpa carrega a história de quem viveu e que abriu os caminhos para daqui continuar. Peço ajuda as minhas mais velhas e meus mais velhos para constituir esse ex-voto. Invoco eles para escreverem aqui comigo. Escrevo para aprender a caçar alegrias e dar continuidade a essa força que componhe tudo que existe.

[1] 1 nome dado pelos povos de língua tupi a terra que é palco da ficção brasil. Pindorama (Terra das Palmeiras).

O ex-voto tem lugar pra ficar, espaço sagrado para lembrar das vitórias que cruzam o tempo. O tempo como canta Gil na música Iansã "*uma obra que é minha e de mais alguém que é o tempo, o verdadeiro grande alquimista, aquele que realmente transforma tudo"*. Tempo aquele que não se olha diretamente, se percebe no passar. A terra que nasci é do tempo das primeiras construção dos invasores e do chá de Congõi de etimologia tupi que quer dizer o que sustenta, o que alimenta. Congonhas é conhecida por muitas coisas, dentre elas por ser terra de milagres. O território de Congonhas recebe a séculos uma das maiores manifestações de fé, entre os dias 7 à 14 de setembro acontece o jubileu de Bom Jesus de Matosinhos, onde milhares de fiéis vão à cidade fazer suas preces, deixar seus ex-votos e agradecer a vida. Sempre recebíamos parentes nessa época do ano, familiares de outras partes de Minas Gerais que chegavam para agradecer suas vitórias. Me lembro muito da minha bisavó nessa festa, Madrinha de Mate Pó, seu nome, preta velha forte e silenciosa que chegava e fazia suas preces e partia para sua morada, não era de muito papo, tipo de gente que dá texto no silêncio.

Imagem 1: Sala dos milagres no santuário da Igreja Bom Jesus de Matosinhos - Congonhas/MG. 2019.

A sensibilidade que cobre minha corpa me conta que faço parte de um imenso círculo de milagres. Aos poucos vou me encaixando nessa roda. Círculos são capazes de desfazer retas, na volta não tem origem e nem destino final. A água da chuva cai e ao mesmo tempo vira vapor. O imenso círculo de milagres que faço parte começou bem antes do que eu acredito ser meu nascimento e se expande para o que se chama de morte. Começo a materializar esse círculo milagreiro ao ler *Um defeito de cor,* livro escrito por Ana Maria Gonçalves que conta a história de Kehinde, africana escravizada no brasil que narra seus processos de vida em meio tão opressor como o sistema escravocrata, relata seus triunfos e alianças em uma terra nova onde só é possível a sobrevivências por meio das alianças, perseverança e do axé. As vitórias são diárias. Bem no início do livro tem um provérbio africano que me inspira a escrever esse ex-voto e levo para a vida *"Quando você segue a pegada dos mais velhos, aprende a caminhar com eles"* , uma caminhada que sabe que a terra onde pisamos é tão viva quanto nós.

Vou atrás das marcas do passado para encontrar dicas de viver. Os meus mais velhos vieram embarcados e outros dessa terra são nascidos. Me inspiro nesse ex-voto no movimento de registro deixado nas pedreiras.

Imagem 2: Pintura Rupestre no Sítio Arqueológico Sucupira - Santana do Riacho- MG. 2019.

Fecho os olhos e imagino as pessoas que fizeram esses desenhos. A pintura acima fica no Sítio Arqueológico Sucupira[2] no município de Santana do Riacho, na Serra do Cipó, próximo a Belo Horizonte. Muitas aves, barulho intenso, energia densa de algo que não vejo, sinto. Recados datados de mais de 6000 anos, pré cabralinos, registros de existência. Imagino esses antepassados colhendo o mineral vermelho para pintar a pedreira, ritualizando aos pés daquele espaço que piso agora. Nas pinturas rupestres reside uma ontologia de vida que não tenho como entender mas posso sentir. Sinto que fui abençoada com o recado de parentes de tão longa data que me ensinam a arte da caça de alegria. Encontro uma cobra, sei que é deus, agradeço.

Pintura na pedra com recados para os próximos de viver bem também se faz no outro lado do oceano Atlântico. No filme *Po di Sangui (Pau de sangue) - 1996* é apresentado algo semelhante. Película dirigida por Flora Gomes em seu país natal, Guine-Bissau. A história se passa na aldeia de Amanha Lundju, lugar onde o nascimento de uma criança é comemorado com o plantio de uma árvore. Considerado gêmeos espirituais, humanos e árvores crescem juntos como indissociáveis da mesma natureza. A tradição no entanto será comprometida pela invasão da aldeia. Invasão essa que é sentida pelo barulho ensurdecedor de serras elétricas derrubando as árvores, ou seja, seus gêmeos espíritos. Ao fugir da invasão, a população da aldeia, faz uma longa peregrinação em busca de um lugar novo para se fixarem, até resolverem voltar para a terra onde seus ancestrais estão assentados. Ao retornarem encontram sua terra devastada, mas uma força brota para reconstruir seu espaço sagrado, o chão que a vida os deu. A última cena é de uma criança, uma das mais novas da tribo, desenhando em paredes as histórias do seu povo, dos trânsitos para sobreviver e o retorno para o local sagrado. Ela deixa um recado para as suas decentes que ainda estão por vir, para que saibam e se orgulha dos feitos da comunidade que ela faz parte. Conta por desenho as travessias de um povo solar, que tem a certeza de uma vida harmônica com que o cerca e que sabe que no silêncio, longe do barulho da motosserras, se refaz em força para retomar sua casa sem se corromper ao barulho tentador do progresso colonial.

2

[2] Cadastro Nacional de Sitios Arqueológicos CNSA/SGPA - IPHAN
http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_detalhes.php?3547

Imagem 3: Cena final do filme Po di Sangui (Pau de Sangue). Flora Gomes, 1996.

Nesse ex-voto também faço como a criança do filme de Flora Gomes, conto os feitos das minhas raízes. Converso com o meu avô, Expedito Teixeira, preto velho que já se engraçou na congada para me contar sobre as histórias das nossas vidas que eu não sei. Ele não me contou, e sim me levou onde ele nasceu e lá também pouco entendo, só sinto a força e a magia de quem me chama.

Imagem 4: Caminho para local de nascimento do meu avô e onde ainda vivem alguns familiares. Jurema - MG. 2019

Na Jurema que eu encontrei
Quem estava a me chamar
Uma negra Pomba Gira de Lei
E um rei da cor do luar

Nessas matas onde eu adentrei
Construí o seu altar
Com as penas de um Pássaro Rei
E um clarão a iluminar

Luiza Lian - Pomba Gira do Luar

Jurema é uma planta mestra, religiosidade dos povos pidorâmicos que também foi absorvida nas casas de religiões de fundamento africano. É a bebida sagrada que dá a força de se conectar com os espíritos da mata, seres divinos que trazem ensinamentos e proteção. Mesmo sem nunca ter tomado tal bebida sagrada eu sei, sinto que minha vida está diretamente ligada a ela, a força ancestral de conexão com a terra e com as plantas que me permitiram a vida. A minha cura, e aqui arrisco a generalizar, a cura de toda a população racializada está na reconexão com as divindades que estão presentes na natureza. Como Rosana Paulino em *"A parede da memória"* trabalho em que a artista ocupa uma parede inteira de patuás com o rosto da sua família, são centenas de olhares impossíveis de escapar. O gesto de Rosana nos revela que seu amuleto de proteção é sua ancestralidade. Sigo essa mais velha no fazer artístico e compreendo que minha parede da memória mora no fundo da mata.

Imagem 5: Detalhe de "A parede da memória" Rosana Paulino. MAR 2019

Floresta que sempre vou para buscar remédio, me curar do barulho que me impede de me escutar e da fumaça[3] que entra no meu peito e me deixa angustiada. Tudo está na terra, disse Olodumare, no Aiê, ser vivo, orixa que sustenta a nossa pisada. Aiê alimenta minha corpa e minha alma. "*Acho que vocês deveriam sonhar com a terra, pois ela tem coração e respira"* (KOPENAWA P.468).

TRAZER A MATA DE VOLTA
TRAZER A MATA DE VOLTA
TRAZER A MATA DE VOLTA

*"O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar" (*HOOKS. Vivendo de amor 2010), assim começa um dos textos mais lindo e que sempre leio para me lembrar que a ausência de amor não é de fato algo especial para a minha corpa e sim uma condição herdada pelo passado de expropriação das corpas das minhas antepassadas. Para conhecer o amor tem que conhecer a si mesmo, a se amar antes, condição difícil para nós que nascemos com a necessidade automatizada de servir, de preocupar com os outros e fingir não se importa com a falta de cuidado com nós. Na condição colonial nada pode ser salvo, tudo deve ser destruído, o campo já tá minado. Para dar amor a minha própria corpa tive que primeiro me encantar pela vida. E me encantar pela vida se tornou um exercício contínuo de desamarração do feitiço colonial da racionalidade e do quadrado que organiza a mente. É com o olhar encantado que consigo enxergar dentro da mata porções de amor para minha corpa cansada dos silenciamentos e das violências.

AMOR	CURA	ENCANTAMENTO
CURA	ENCANTAMENTO	AMOR
ENCANTAMENTO	AMOR	CURA

[3] Fumaça de Epidemia Xawara: doença causada pela fumaça tóxica na escavação da terra, extração de ouro e minério de ferro. Davi Kopenawa Ver mais em.: https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/yanomami/xawara.pdf

Herdamos o ferimento da alma do passado recente, porém também, nós racializadas e mulheres (trans/cis), recebemos o legado do saber encantar. Eduardo Oliveira, pesquisador de filosofia africana relata em seu texto de nome *Filosofia do Encantamento* algumas considerações que acredito serem importantes para discussão e entendimento do encantamento no pensamento da diáspora e dos povos pindorâmicos.

> O olhar encantado re-cria o mundo.É uma matriz de diversidade dos mundos. Ele não inventa uma ficção. Ele constrói mundos.(...)O encantamento é uma atitude diante do mundo e diante da vida. (...) O encantamento não é um objeto de estudos como uma coisa. Ele é a condição para submeter objetos de estudo a uma pesquisa. (OLIVEIRA, P.5 2003)

O olhar encantado é o que fascina com o que dá brilho na sombra. Alucina com o que cresce na umidade da manhã, se deixa arrebatar pela força do chão que nos mantém de pé. Apaixona pela água doce que melhora qualquer cabeça ruim. O que sabe que você vai colher o que plantar *e que a justiça é um deus que o tempo vem mostrar e o nome dela não se usa para vingar*[4]**.** Olhar que quando chora lembra de lá, do mar. Que sabe que quando a compatibilidade é demais é porque o babado é de outras vidas, sinal de ancestralidade.

Agora não pergunto mais aonde vai a estrada
Agora não espero mais aquela madrugada
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faca amolada
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada[5]

[4] Canção de Luiza Lian - Tucum. Album: oya tempo.
[5] Canção Fé cega, Faca amolada - Milton Nascimento. Album Minas, 1975

Pra fazer encantaria é mais fácil do que se imagina. Compartilho aqui os ensinamentos de encantaria de uma bixa bruxa travesty que já me curou sem me ver, seus feitiços já me ajudaram a deixar meu coração mais leve. Castiel Vitorino Brasileiro, artista, curandeira que em uma série de ações trabalha em função da cura do nosso povo racializado. Em *Plantas que curam* a artista monta uma barraca com mandingas e remédios que ela mesma criou com a supervisão de uma mais velha benzedeira Yasmim Ferreira. A barraca em espaço público vira consultório, ao conversar com as pessoas e ouvir suas dores, Castiel oferece alguma das seis receitas que criou. São remedios para *amenizar dores de corpos violentados pelo racismo. Silenciamentos, apagamentos, sequestros, perdas, genocidios*[6]*.* O trabalho também gera a reconstrução da autonomia de nos, sujeitas adoecidas pelo sistema, ao sugerir que também façamos nossos próprios remédios para nossos próprios cansaços.

Imagem 6: Registro performance *Plantas que curam* de Castiel Vitorino Brasileiro. Pracinha do Itacaré, Vitoria/ES. 2018 <<https://psicotendencia.blogspot.com/2018/06/performance-plantas-que-curam-pracinha.html>>

[6] Palavras da artista Castiel Vitorino Brasileiro. Acesso no site da artista: https://cargocollective.com/castielvitorinobrasileiro/Santinhos

Imagem 7: Fotografia *Para dores, cansaço e esgotamentos* de Castiel Vitorino Brasileiro.

<<https://cargocollective.com/castielvitorinobrasileiro/para-dores-cansacos-e-esgotamentos>>

A água de alecrim vai hidratar todo seucorpo, promovendo limpeza energética, e relaxamento muscular. O alecrim possui propriedades que irão facilitar mergulhos em si, ou seja, momentos de intensa compreensão de sua singularidade.

"para mergulhos em si..."

Esses momentos de imersão e reflexão profunda de si, lhe provocam micro revoluções, aquelas que garantem que sua negritude continue sendo produzida e experienciada pela via da emancipação de traumas coloniais.

CHÁ DE ALECRIM

INGREDIENTES

× 1 pequeno pedaço de Ramo de Alecrim.
× 1 água filtrada

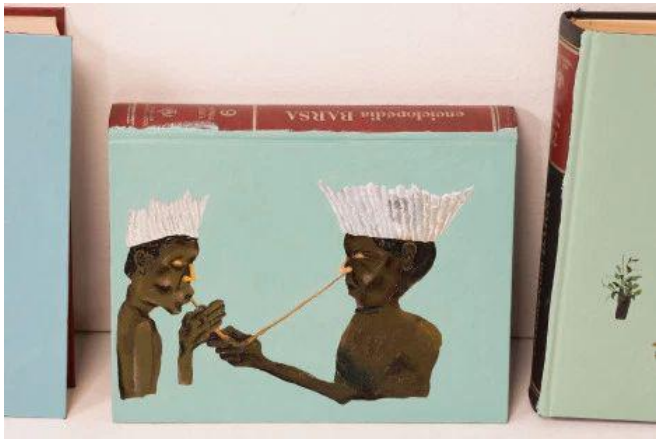
MODO DE PREPARO

Em um copo com água quente, coloque o alecrim e deixe por infusão durante 5 minutos.
Se preferir, retire o alecrim da água.
Sente-se em um lugar calmo, e sem pressa tome o chá.

Imagem 8: *Santinhos* de Castiel Vitorino Brasileiro. Receitas para dores do racismo.

<<https://psicotendencia.blogspot.com/2018/06/santinhos-da-serie-para-dores-cansacos.html>>

A invasão portuguesa nessa terra inaugura o outro da visão euro ocidental. Forma de ver e compreender os demais povos como seres de valores humanos questionáveis e comprovados suas deficiências de humanidades pelas bulas papais e os cientificismos. Os povos pindorâmicos foram/são temas de várias pesquisas antropológicas e sociológicas ao longo da história colonial, passando de primitivos sem alma a bons selvagens. Os estudos de Darwin que deram origem "a teoria das espécies" abalou não somente a biologia mas sim todo o pensamento científico branco ocidental, foi questão de tempo para derivações de teorias biológicas também poderia ser aplicado para questões sociais e humanitárias. *Raça transformou-se, então, em conceito essencial e respaldado pela biologia* (SCHWARCZ, 2018, P.406). Em uma ficção de nação como brasil as teorias raciais caíram como uma luva do norte global, aos olhos azuis da ciência as nossas peles carregam o princípio da degeneração e a eugenia, ou seja, o embranquecimento forçado a única opção de salvação de uma nação. Teorias essas que já estão para fazer duzentos anos ainda perduram em nossas corpas, a ciência ocidental não compreende a nossa existência. Classifica para nos prender. Nos patologista para tentar nos frear. Consigo entender a partir disso que a nossa cura não depende de estudos pautados na razão branca e sim na sabedoria que não está expropriada da terra. O trabalho artístico de Dalton Paula tensionsa bem a questão envolvendo saúde, cura e peles cheias de milanina. São uma série de pinturas em que o artista apropria do suporte de enciclopédias, objeto profundamente ligado a síntese do conhecimento branco ocidental, e pinta por cima formas de curandeirismo que escapa ao saber tecnocientífico. Nossas formas de cura são passadas de forma oral, no toque da benzedeira que faz o quebrando passar e o mal olhado levantar e ir embora. O sopro de rapé, mistura de ervas em pó, que oxigena a cabeça com harmonia, faz ficar serena e sonhar com a vida desprendida da ilusão de mundo colonial. As ervas que de apenas tocar trocam suas energias com nós, aterra o que tem de ficar na terra e nos dá o que precisamos naquele momento para continuar de pé. Para Antonio Bispo dos Santos, líder quilombola a nossa cura está ligada ao tipo de epistemologia que produzimos, o saber que vem da ancestralidade racializada é a sabedoria orgânica, aquela que as setas apontam para a observação da natureza e seus fenômenos, o saber que desenvolve o ser. Enquanto o conhecimento colonialista é pautado no ter, no resultado, que apenas é fabricado para a manutenção das bases excludentes e manutenção da baixaria colonial.



Imagens 9; 10; 11: *Santos médicos; A cura; A cura (detalhe). Dalton Paula.*

<<*https://daltonpaula.com/pinturas/*>>

Existe um lugar bem perto de onde oficialmente resíduo que muito me colabora nas minhas movidas de cura. A Aldeia Maracanã é uma aldeia urbana, espaço no meio da necropolis rio de janeura. Nada lá é fácil de entender, outra vez só consigo sentir. Minhas passagens lá são silenciosas, recebo e dou o que meu destino me reservou. Lá reside uma força ancestral de valor a vida, que surfa em meio às tensões geradas pelas demandas de capital, pressão do estado e todo tipo de bafão que as convivências podem gerar. Vive naquele espaço uma consciência de que a mata vai voltar, que é questão de tempo e paciência. O tempo como já falei aqui é o único que realmente transforma tudo. O trabalho é miúdo e silencioso, o gesto dos habitantes fixos da aldeia maracanã e mais outres seres que surgem lá de forma autônomas de acordo com o balançar dos rios fazem um chamado a mata. Literalmente traz a floresta de volta. A ideia é quebrar o asfalto que afasta nossos pés da terra, senti-la e plantar o que intuir que deve. Aos poucos a mata ta voltando, é pequeno e ao mesmo tempo imensurável. A vida é feita de gestações pequenas de grandes movimentos. A força da floresta é um fato, ela me dá coragem para ser verdade todo o tempo. Me permite sonhar e sentir o suco do beija-flor. A flecha atirei, onde caiu eu pisei.

Imagem 12:Reflorestamento Aldeia Maracanã, Rio de Janeiro. 2019

ALDEIA MARAKÁ'NÃ
REXISTE
KATU IPÓ
KATU AHY
UNIVERSIDADE
INDÍGENA

Esse ex-voto é a realização de conseguir escrever, de terminar essa etapa que é da vida. E foi o mato quem me deu a coragem de aqui terminar, foram os banhos de ervas que me ajudaram a lembrar que sou descendente de reis e rainhas. Que sou filha de cobra com onça e neta de capivara com anta.

Sucuri, Jibóia
Veja como vem
Beirando o mar
Quando seu angorô
E a sua cobra coral [7]

Consigo hoje enxergar na mata a noite, foi acontecendo com o tempo e com as escolhas de caminhos. Nem tudo que brilha é luz como nem tudo que é luz brilha. Quando escurece seus olhos arregalam, esforça para ver os detalhes. Tem que olhar para o chão, saber onde tá pisando, se exige esforço das suas pernas, pisada leve, pisada forte, tudo tem seu tempo, tudo tem sua hora. Precisa olhar pra frente também, se ficar só olhando pro chão o encanto das árvores vai perder. Camadas finas de teias infinitas cruzam a todo canto, difícil de ver mas fácil de sentir, as teias de aranha são *densas e leves*[8], fortes e frageis. Pelo som também se acha o caminho, se o olho difícil tiver de ver, há quem diga que se pode até se ouvir antes de acontecer. Para escolher lugar para dormir é bom atento estar, olhar pra cima e ver o que do céu pode chegar, ver dos lados pra surpresa a noite não assustar e não perto da água para não molhar.

Na clareira da floresta dá pra ver o céu, luzes de muito tempo e de muito longe, movimentando sempre, fluxos, trocas, vai e vem de todo lado. É o tempo, é o caminho, a luz que ilumina. O que tem a única certeza de transmutar, deslocar para outro lugar, alterar e transformar.

Mato em todo canto, capins, samambaias, guines. Já me contaram que as embaúbas crescem onde a floresta se perdeu pra sombra dar pra outras nascer. Troncos com anéis de seiva variam seu fluxo de acordo com a lua, quando tá cheia a seiva sobe e quando tá nova

[7] Oxumarê - Serena Assumpção
[8] Frase dita por Danielle, amiga de dança e companheira da vida em uma conversa gostosa.

pras raízes elas voltam. E elas conversam, quando alguém chega na floresta uma conta pra outra, por baixo e por cima, sopra o vento e só dá pra ouvir coxixo.

Bicho de muitos tamanhos, que voam e rastejam. Pequenas grandes multidões, que se ligeira não ficar pode ferrão delas levar. Passaros, beija-flor, gavião e urubu. Lagartos que passam estabanados, da cor do chão que pisa. Muitos outros que eu nunca vi, mistura de medo e vontade.

Beija-flor me mandou embora
Trabalhar e abrir os olhos

Estrela d'água me molha
Tudo que ama e chora
Some na curva do rio
Tudo é dentro e fora
Minha floresta de jóia

Tem a agua
Tem a agua
Tem aquela imensidão
Tem sombra da Floresta
Tem a luz no coração
Bem-querer

Oxóssi aprende com Ogum a arte da caça, itam que conta como o grande caçador aprendeu a caçar. A história diz que ao retornar cansado de mais uma guerra, Ogum encontrou seu irmão Oxóssi temeroso diante dos seus inimigos. Mesmo cansado Ogum com muita ira e sedento por vingança partiu para cima dos inimigos. Após derrota os invasores Ogum tranquilizou o irmão e estaria presente sempre em sua necessidade. *Ogum então ensinou Oxóssi a caçar, a abrir caminhos pela floresta e matas cerradas. Oxóssi aprendeu com o irmão a nobre arte da caça, sem a qual a vida é muito mais difícil (*PRANDI, 2001, P 112).Oxóssi tornou grande caçador.

Hoje sei caçar o que precisei para hoje, sem caça não há vida, caçar é se prover. Agradeço por hoje ter um pouco mais de calma para atirar a flecha. Ex voto de caçadora de alegria.[9]

[9] Referente a obra de Mãe Stella de Oxóssi de nome Oxóssi caçador de alegria.

Bandalekongo, ê loango,

Ê maki macruz

Bandalekongo, ê loango

Ê maki macruz

Krê, Krê, krê

Krê Krucilê

É um passo loango, ê maki macruz

Bandalekongo - Kabila

Reza de fartura

Ayê

“Egba Egba Enigba Lati Bere”

Qualquer tempo é tempo de começar.

Proverbio de Oxóssi

CAPÍTULO 3:

O ROSARIO

Muriquinho pequenino, muriquinho pequenino,
Parente de quiçamba na cacunda
Purunganta aonde vai, purungunta aonde vai,
Ô parente pro quilombo do Dumbá
Ê chora, chora gongo, ê devera, chora gongo chora,
Ê chora, chora gongo, ê cambada, chora congo chora.

Canto II - Clementina de Jesus

Me botei a caminhar. Me situei no tempo e no espaço e percebi o perigo sempre à minha frente, me esperando passar. Tive que mudar de rumo. Do jeito que estava não dava mais. Eu vi a morte e não soube o que fazer. EU VI A MORTE E NÃO SOUBE O QUE FAZER. Mas da morte me safei e de direção mudei. Mais um milagre que fez travessia em mim. Conto aqui relatos de uma performance que não tem início e muito menos fim, conto aqui como algumas travessias me aproximam de uma legião enorme de ancestrais que torcem dia e noite pela minha felicidade e dos meus irmãos de cor. Conto aqui como me aproximar e me acertar com meus mais velhos me ajuda a sorrir, a existir no meio do caos colonial que declarou guerra a minha corpa antes mesmo d'eu nascer. Conto como percebi que o caminho que eu sigo é a continuação da caminhada de muitas, das que conheci em vida e das que conheço em sonhos e sinais. Conto aqui um pouco de mim mesma e do que me cerca. Te convido a caminhar comigo, ao meu lado quando necessário, a te deixar caminhar na frente quando for preciso e me lançar a frente quando for minha obrigação.

Preciso contar aqui sobre a travessia que trilhei entre dois pontos na cidade onde nasci e que por dezenove anos vivi, um pequeno vale cercado por montanhas que guardam tesouros minerais, traz em seu solo a riqueza e a força de traçar passos firmes e simultaneamente leves. A cidade é Congonhas situada na região central do estado das Minas Gerais, criada na primeira metade do século XVIII. Sabe-se de duas versões oficiais para o significado do nome Congonhas, em uma das versões seu nome é derivado do idioma dos povos originários da terra, o tupi-guarani, Congõi (Congonha) quer dizer o que sustenta, o que alimenta. A outra versão para o nome da cidade é COA = mato, NHONHA = sumido, que seria zona onde o mato some, ou seja, campo. Atualmente a cidade se chama Congonhas, mas até o ano de 1948 se chamava Congonhas do Campo. Congonhas também é o nome de uma planta encontrada na região, uma variedade de erva mate, os habitantes da terra da etnia guarani já usava suas folhas e cascas das árvores como remédios naturais. Segundo os saberes populares, o chá de congonhas é um ótimo anti inflamatório, diurético, calmante e tônico para o coração.

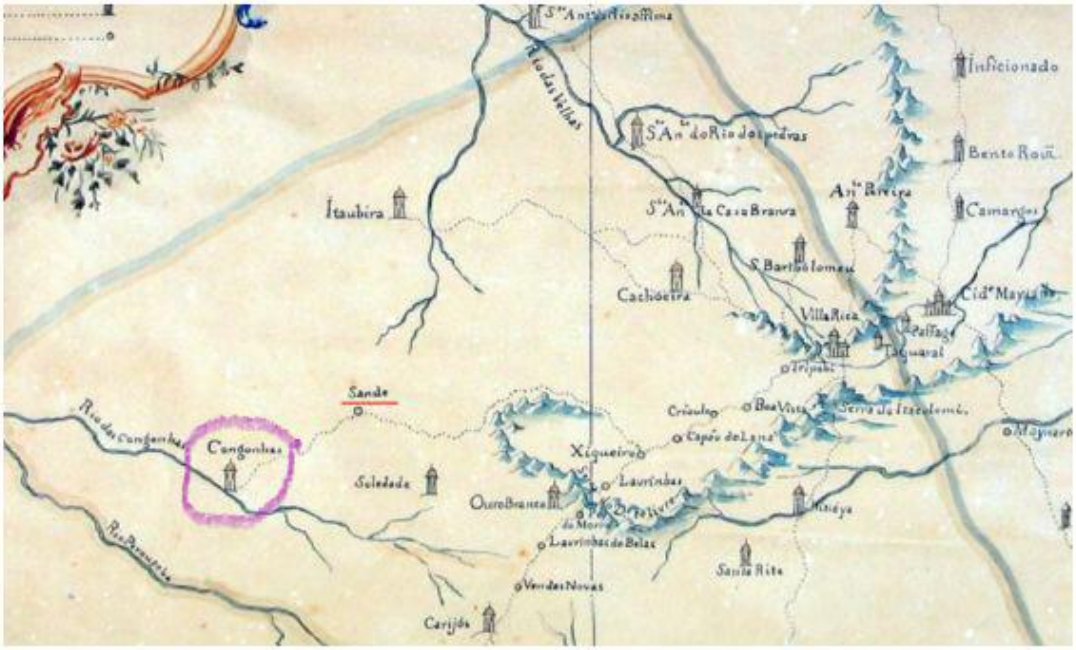


Figura 13: Mapa do século XIX da região de mineração de Minas Gerais. Fonte: APM:080 <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/GUIMARAES_CARLOS_MAGNO_E_MOREIRA_MARIANA_G.pdf>> acesso em maio de 2019.

Sou racializada, preta, mestiça, africana em diáspora e descendente da terra. Tenho a cor da terra que piso. Ao pensar o maior órgão do meu corpo, a fina camada que “separa” o mundo que está ao meu redor e meu interior me dou conta do milagre que é estar viva, encarnada no agora. Continuo o caminho de ancestrais da cor em um contexto tão opressor para nós como foi/é as montanhas das Minas Gerais. A distorção da realidade pela colonização é tão bem feita que a pouco tempo eu realmente fiz a ligação entre minha corpa e as corpas dos humanos escravizados nesse territorio. Continuo o caminho delxs.

No texto Mineração Escravista escrito pelo historiador Douglas Cole Libby são descritos afirmações do período das descobertas de ouro na imensa região das Minas Gerais. A saber que “*desde as primeiras décadas do século XVII, os bandeirantes paulistas adentravam as montanhas florestadas, os sertões e as caatingas mineiros em busca de presas indígenas destinadas a escravização*” (LIBBY, 2018, Dicionário da Escravidão e Liberdade) e em outro momento, no mesmo texto o autor afirma “ *O aumento das importações de braços africanos para Minas foi rápido, e logo tornaria a região o principal destino, em todas as Américas, de indivíduos escravizados pelo tráfico negreiro transatlânticos”* (LIBBY, 2018, Dicionário da Escravidão e Liberdade).

Me motivo a pensar como foi a vida, as dores e alegrias dos meus antepassados na mesma terra em que piso. Me emociono com as forças que atravessam a corpa de cor. Piso no mesmo chão. Me revolto. As fontes oficiais dizem que grande parte dos africanos que tiveram suas vidas expropriadas e trabalharam em Minas chegaram pelos portos de São Salvador e Rio de Janeiro. Escrevo esse trabalho na ex quase nova capital do império. Fecho os olhos e imagino se alguma ancestral fez exatamente o mesmo caminho que faço com certa frequência. Tento imaginar se reparamos nos mesmos pontos da estrada, que a cada curva algumas vezes traz alívios e em outros mais medos ainda.

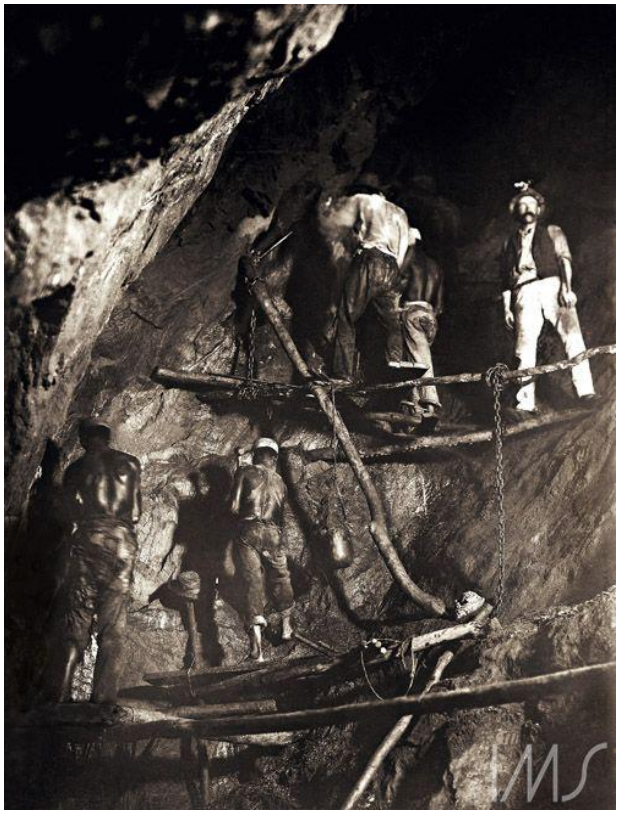


Figura 14: Primeira foto do trabalho no interior de uma mina de ouro, Marc Ferrez, Minas Gerais, 1888. CGF - IMS

O passado de subordinação e trabalho forçado sobre nós, racializadas, é uma realidade atualizada no presente. Não me esqueço de quando acompanhei a performance e a fala da minha mana, Jota Mombaça em que a grandona desabafava em alto e bom tom: NÃO EXISTE O PÓS-COLONIAL. Em suas palavras "*A colonização não é um assunto do passado. É um processo que nunca cessou e que agora tem novas formas"* (MOMBAÇA, Jota 2015, The colonial wound still hurts). O trabalho forçado foi atualizado pelo trabalho precarizado. As minas

de ouro, agora fazem parte dos tesouros nacionais das nações europeias. Deram lugar a uma nova forma de exploração da terra, a escavação de minério de ferro, manganês e as siderúrgicas de aço que impulsionam o desenvolvimento/destruição de tudo.

Figura 15: The Colonial Wound Still Hurts, Jota Mombaça, 2015, Veneza.

O minério de ferro é o mineral da vez, material base para quase todos os bens de consumo contemporâneos, símbolos de desenvolvimento, modernidade e civilização. A tríade desenvolvimento - modernidade - civilização são conceitos chaves para justificar as grandes violências dos processos coloniais. Em busca de homogeneizar o mundo em um mesmo processo desenvolvimentista é criado a figura do outro, do colono. Sobre a figura do colono é permitido as maiores crueldades para manter o sonho do colonizador/explorador.

> Em suma, as colônias são zonas em que a guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alteram. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensas - a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da civilização. (MBEMBE, 2018, P. 35)

O projeto civilizatório colonial é a morte de tudo que não é o colonizador. Vidas são ceifadas para o conforto dos que autodeclararam donos de tudo. E os donos de tudo tem nome, cor e endereço. Possuem armas e métodos legais para imperar suas vontades e disseminar seu controle.

Dia 5 de novembro de 2015: rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro no distrito de Bento Rodrigues, Mariana, Minas Gerais. ECOCIDIO. Rio Doce morto. Morte de tudo que a lama tóxica encosta, ontem e o amanhã comprometidos. A mineração assola a todos, dependemos dela para viver e ela é capaz de nos matar. 25 de janeiro de 2019: rompimento da barragem de rejeitos de minério de ferro em Brumadinho, também em Minas Gerais, soterramento imediato de centenas de vítimas. Vidas que não tiveram tempo de entender o que estava acontecendo, varridos por uma lama tóxica de desgraça e sonho dos donos de tudo.

OS SONHOS DOS COLONIZADORES CUSTAM AS NOSSAS VIDAS.

Davi Kopenawa, do povo originário yanomami, em seu livro A Queda do céu, apresenta uma explicação para o que os brancos chamam de minério de ferro e seus perigos.

> Eles já possuem mercadorias mais do que o suficiente. Apesar disso, continuam cavando o solo sem trégua, como tatus-canastra. (...) O que os brancos chama de “minério” são as lascas do céu, da lua, do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo. (...) Arrancavam e raspavam grandes blocos deles, com suas máquinas, para fazer panelas e utensílios de metal. Porém, não pareciam se dar conta de que esses fragmentos de céu antigo são perigosos. Ignoravam que sai deles uma fumaça de metal densa e amarelada, uma fumaça de epidemia tão poderosa que se lança como uma arma para matar os que dela se aproximavam e a respiram. (KOPENAWA, 2010, P.357).

A mineração é essa fome descomunal pela terra, que não cessa, que não satisfaz e sempre busca por mais. Meu pai, Marcelo Teixeira, é um dos tantos trabalhadores das grandes empresas mineradoras da região de Congonhas. Minhas lembranças sobre o trabalho do meu pai sempre estiveram envolvidas com perdas, medo constante de ser demitido, grande número de horas extras mal remuneradas, ambiente insalubre que causou uma perda auditiva, casos e casos de companheiros que sofreram acidentes no trabalho com sequelas permanentes e óbitos. As palavras de Kopenawa entram na minha corpa e ativa minhas memórias, respirei a vida toda essa fumaça e ainda à respiro. Em uma conversa com meu pai por telefone ele me diz a seguinte frase: “descobrimos que moramos dentro da barragem”. A fome de tatu-canastra

chegou cada vez mais perto de nós e quando nos demos conta os limites da barragem de rejeitos Casa de Pedra da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) já fazia parte do nosso horizonte. Choro e me sinto impotente. Eles (os colonizadores, brancos donos de tudo), não importam com nossas vidas, apenas se preocupam com o que nossas corpas subalternas podem gerar, neutralizam nossas potências para nos matar. A branquitude e seu sistema são sinônimos de genocídio.

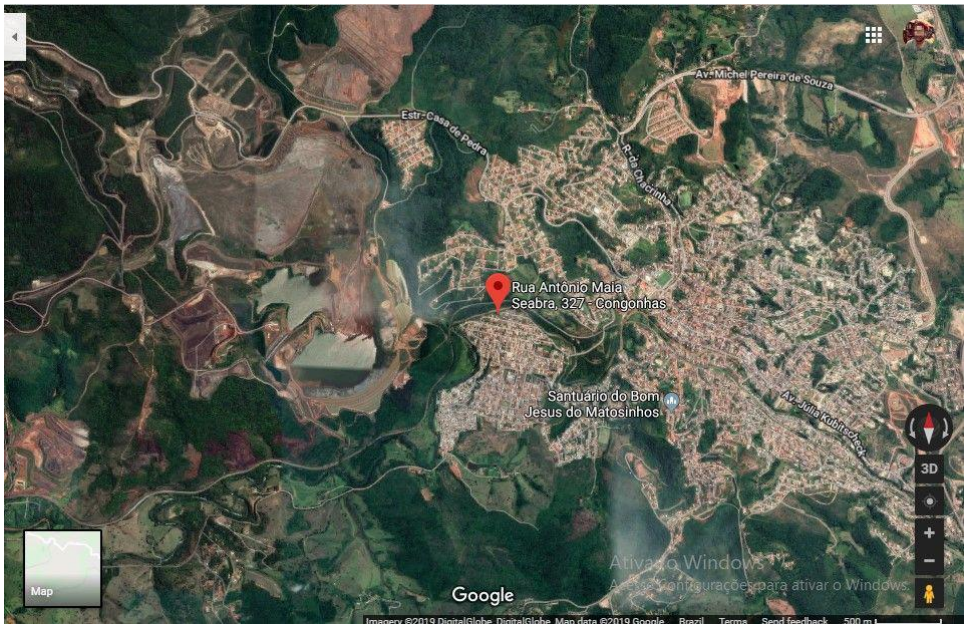


Figura 16: Imagem de Satélite de Congonhas/MG. Ao lado esquerdo o complexo de mineração CSN e a barragem Casa de Pedra. O ponto vermelho é a casa dos meus pais, onde cresci e mantenho grande relação.

Figura 17: Placa sinalizadora para rota de fuga em caso de rompimento da barragem Casa de Pedra. A placa fica na rua Antônio Maia Seabra, endereço dos meus pais. A casa ao fundo é da minha prima Sônia.

Veja bem meu patrão como pode ser bom
Você trabalharia no sol e eu tomando banho de mar

Luto para viver
Vivo para morrer
Enquanto a minha morte não vem
Eu vivo de brigar contra o rei
(...)

Saio do trabalho e
Volto para casa e
Não lembro de canseira maior
Em tudo é o mesmo suor

Os Escravos de Jó - Milton Nascimento e Clementina de Jesus

Para dialogar comigo nesse texto trago uma fala que está disponível na série de vídeos no youtube com artistas trans/travestis/desobedientes de gênero chamada desaguenda. É o que a artista e amiga transfeminista e destruidora de machos Bruna Kury, ela diz: "*é muita revolta e muita sensibilidade"*, me contemplo nessa afirmação, a distopia da colonialidade diária me causa muita revolta porque a sinto muito, sou sensível demais, minha corpa sente o amanhã e o ontem simultâneamente. Resolvi criar um ritual, performar uma ideia de vida. Vou caminhar. Fazer travessia.

Brinco na história da cidade onde nasci, como a personagem de Octavia Butler, Dana, em Kindred: Laços de sangue, que misteriosamente tem o poder de atravessar tempos, eu também o faço, dobro o tempo e volto em dois momentos diferentes na história para me assentar no presente e especular o futuro. Decido o'que quero deixar pra trás, não como se não existisse mais, mas como algo que não quero trazer na minha corpa e vou no caminho das minhas mais velhas que possibilitaram a minha vida nesse tempo/espaço. Preciso ritualizar a desistência de um sistema que está para expropriar ao máximo da minha corpa e vou em busca das tecnologias ancestrais usadas para sobreviver a isso. É em busca da quebra das correntes que assolam a minha mente.

Escolho sair de um ponto que simboliza o que quero abandonar. É um exercício diário de eliminar o desejo pelo progresso e esperança que de alguma maneira quase que mágica minha corpa poderia ser assimilada no sistema desenvolvimentista e seguir em paz. Não existe isso para mim. Abandonar a ideia de progresso é fazer as pazes com o meu espírito. É um ato

de amor a minha vida. Saio de uma estação de ferro desativada de sua função original e hoje é abrigo de uma biblioteca comunitária.

Imagem 18:Antiga Estação de Ferro Lobo Leite e atual biblioteca comunitária em Lobo Leite- Congonhas/MG.

A estação de ferro Lobo Leite foi idealizada com um dos grandes projetos de modernização do interior do Brasil, e seguindo a lógica de todos os grandes projetos desenvolvimentistas foi abandonado antes do seu final. Evidência das estruturas que operam nessas construções, em que o'que está por trás na verdade é um projeto de acúmulo de capital para os mesmos grupos que o idealizam. A estrada de ferro foi concebida no período imperial brasileiro, primeiro com o nome Estrada de Ferro Dom Pedro II (1886 -1889) e rebatizada no período republicano de Estrada de Ferro Central do Brasil (1889 -). A linha férrea foi constituída com o objetivo de fazer a ligação entre a então capital do país, Rio de Janeiro, ao interior para a expansão econômica da nação. A construção foi em ritmos alternados, de acordo com os interesses dos governantes, até seu completo abandono ainda no século XIX.

É desse caminho que me desvio, passo reto, faço curva, saio do eixo, mudo de rumo. Abandono do projeto civilizatório colonial europeu/eurobrasileiro. Uma rota de fuga para uma ontologia em que minha corpa não seja o tempo todo subalternizada. Nunca fui e nunca serei branca, ouço minha pele e começo a me movimentar. DEUS É MOVIMENTO[10]

Esses olhos que estão me olhando
Os ouvidos que estão me escutando
Falar nesse terreiro
Eu vou sair daqui chorando.

Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Oliveira - Minas Gerais

[10] Escrito da personagem Lauren Olamina no livro *A parábola do semeador* de Octavia Butler. Lauren cria uma religião ao decorrer da narrativa e afirma *deus é mudança* como uma das certezas de sua cosmovisão.

Peço licença ao senhor dos caminhos. Peço ao orixá dos caminhos, Ogum, para me orientar em que direção seguir, para abrir a trilha que devo caminhar. E recebo a mensagem que devo seguir o caminhar de quem pisou ali antes, furo o tempo mais uma vez e vou para mais longe ainda, sigo para a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos construída no final do século XVII que guarda em si tecnologias de vivências que sou convidada a conhecer.

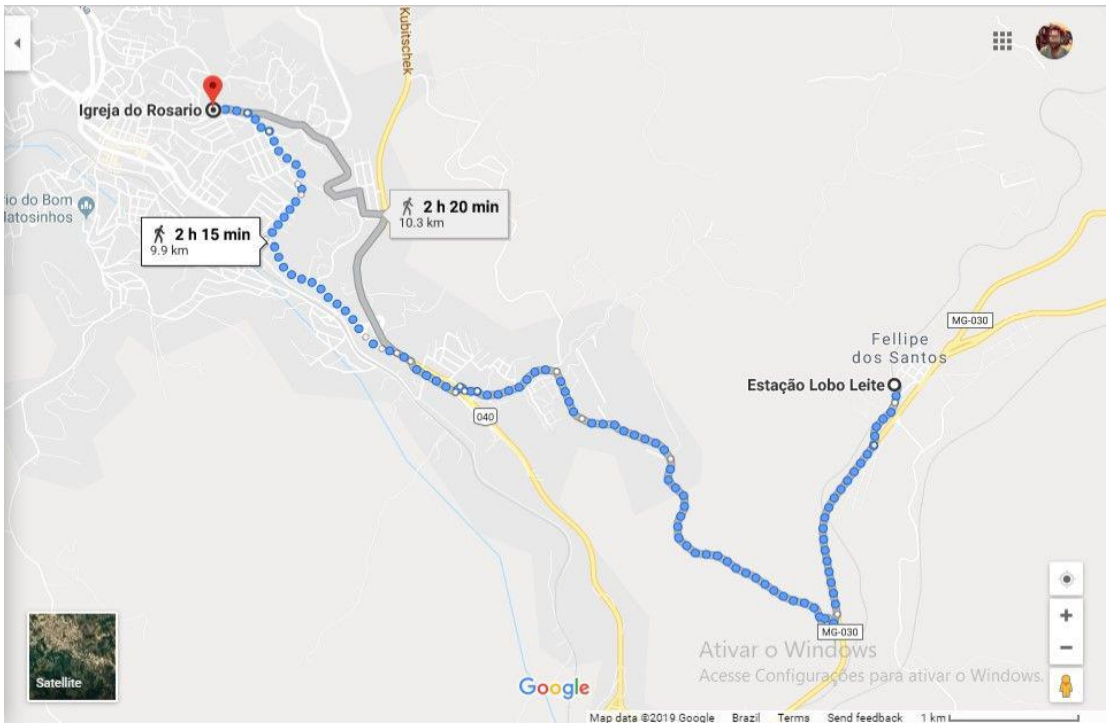


Imagem 19: Mapa da caminhada entre a Estação de Ferro Lobo Leite e a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Caminho em silêncio. O silêncio ajuda a ouvir os recados que na ausência de som se faz capaz de ouvir. Escuto o que meu coração. Reflito com calma e meu pensamento fica sereno. Penso nos que fizeram esse caminho por séculos. Sinto o cheiro. O vento bate em meu rosto com carinho. Tudo é sinal de que estou indo atrás de quem sempre esteve comigo. Ouço sons. Não preciso ir atrás, já estão comigo. Faço homenagens. Penso e não desisto. Sorrio e choro. **SOBREVIVEMOS**. Sinto a força de quem me conhece mais do que eu mesma. Seguir o caminho contrário ao desenvolvimento me cura. Seguir o caminho dos meus mais velhos me acalma. Seguir os passos do invisível me acalanta. Ganho força. Sou guerreira. Sou da cor da terra. Não esqueço em momento nenhum dos perigos que me cercam, mas tenho forças para lutar, para continuar e principalmente forças para sonhar. Imaginar que caminhar na contramão

do sistema colonial vigente é possível e necessário. Caminhar que consigo em instantes enganar as instituições que controlam minha corpa. Encontro remédios para não morrer por dentro. Choro mais uma vez. Sinto os corpos das vítimas seculares da mineração, não seremos mais, não podemos mais. É preciso matar a brancura em nós. É preciso acertar com as forças ancestrais que nos guiam. Encontrar a negritude que nos cerca e nos firmar. É sobre vida. A caminhada apenas começou.

SOU DE NANÃ Ê UA Ê UA Ê UA Ê UA
SOU DE NANÃ Ê UA Ê UA Ê UA Ê UA
SOU DE NANÃ Ê UA Ê UA Ê UA Ê UA

Não tenho medo da lama. Da lama eu vim, a lama fez minha corpa. Caminho e faço as pazes com a lama. Na lama me fiz, da lama eu sou. Berço da vida. Sabedoria de velha. Dona da minha vida e da minha morte. Te celebro e agradeço. Por nossos encontros, por sempre estar comigo, pela sabedoria de caminhar. Saluba.

Ando em direção a primeira igreja construída na cidade de Congonhas, datada do final do século XVII a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos pretos guarda em sua arquitetura a força dos que a ergueram. Venho aqui não interessada nas histórias católicas mas sim nas historias das Irmandades dos Pretos, formas de subverter a lógica colonial em prol do mínimo de dignidade a vida. As irmandades cristãs de uma forma geral eram uma espécie de auxiliar do estado em formação, garantia ao associados direitos a auxílio espiritual e físico, governavam pequenos hospitais, funerárias e ajuda jurídica aos associados. A religião cristã era obrigatória a todos, porém nem todas as igrejas as pessoas de cor podiam entrar, criando brechas no próprio sistema para surgir as irmandades de pretos. A historiadora Lucilene Reginaldo em seu artigo de título Irmandades apresenta alguns pontos importantes para refletir e entender a importância e o contexto das irmandades negras no Brasil.

> A garantia de uma boa morte, com funeral, tumba, missas, é um tema tratado com grande cuidado nos compromissos das irmandades negras. Os altíssimos custos que envolviam todos esses ritos, além da importância da ancestralidade para os africanos, certamente foi um atrativo ímpar para o ingresso numa fraternidade.
> (REGINALDO, 2018, P.273).

Sobre as festas dos padroeiros, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Inês:

> A festa do padroeiro constituiu um momento singular de mobilização e visibilidade pública da agremiação, quando as irmandades negras poderiam galgar um lugar de distinção na sociedade colonial. (...) Representavam circunstâncias especiais de demonstrações culturais, como os reinados do Rosário e as coroações de reis e rainhas do Congo, e por isso, também, chances privilegiadas para o reconhecimento de diferenças no interior das comunidades de africanos e crioulos. (REGINALDO, 2018, P.273).

Festas estas até hoje existente no território mineiro, as congadas ou reinados guardam em si a força ancestral da luta pela liberdade. Conhecimento passado oralmente resguardam a história de vida de um rei do Congo que foi escravizado no Brasil. Galanga, rei congolês foi capturado por portugueses com sua esposa Djalô e sua filha princesa Itulo, as duas porém não sobreviveram a viagem transatlântica. Dizem que Galanga trabalho duro na Mina da Encardideira, antiga Vila Rica, atual Ouro Preto. Lá com muito esforço conseguiu comprar a sua alforria e de seu filho Muzinga. Livre continuou a trabalhar no garimpo e continuou a libertar outros cativos, formando associações de compra e venda de alforrias. No ano de 1785 com outras pessoas de cor livres construíram a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Ouro Preto, onde conseguiam articular maneiras de preservar sua cultura e administração financeira. As congadas são a coroação desse rei que libertou e firmou a luta anti cativeiro no território mineiro, sua vida e liderança são lembradas de incentivo a não desistir e continuar a lutar por uma vida digna às pessoas de cor que aqui foram expropriadas do próprio corpo.

Imagem 20: Congado na festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Congonhas/MG. 2007. Acervo: Prefeitura de Congonhas.

Ainda sobre as associações de compra de alforria e ajuda a população racializada, Lucilene Reinaldo afirma:

> A expectativa da liberdade esteve no horizonte das irmandades negras com distintos enfoques e em diferentes contextos. Nas irmandades portuguesas, o resgate dos irmãos cativos que sofriam maus-tratos ou podiam ser vendidos para fora do reino congregou recursos e esforços durante o século XVIII. A possibilidade de empréstimo para a compra de alforria é registrada em alguns estatutos de irmandades brasileiras, ao longo do século XVIII e XIX. (REGINALDO, 2018. P.274).

As congadas e reinados surgem no contexto da escravidão como forma de preservação da cultura africana na diáspora brasileira. Mestra Pedrina de Lourdes dos Santos, capitã de maçambique do reinado de Oliveira em Minas Gerais conta como os negros, em sua maioria de origem bantu, conseguiu manter a sua fé genuína mesmo obrigados a converter-se ao cristianismo. No rosário católico conseguiram adaptar a um rosário de acordo com sua fé. É sabido pelos congadeiros, e não oficial pela igreja católica, da história da Mãe do Rosário que surgiu nas águas do mar para libertar seus filhos que atravessaram o atlântico e que para Aruanda, nossa casa, voltaremos. Se reza para ter uma boa morte, momento de voltar e encontrar os ancestrais que lá ficaram.

Adeus terra diferente
Meu coração tá doendo
Adeus terra diferente
Meu coração tá doendo
Nossa Senhora que nos leve
Pelo mesmo caminho que viemos

Adeus, adeus
Não chore não
Aruanda eu voltarei
Pra cumprir nova função.

Reinado da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Oliveira - Minas Gerais

Imagem 21: Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos - Congonhas Minas Gerais.

Quem me ensinou a nadar, quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro, foi os peixinhos do mar

Congadeiros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Carmo do Cajuru - Minas Gerais.

Texto para ler em frente às Igrejas das Irmandades Negras

CANJICA

Peço licença ao senhor do dia
Licença ao dono da fala
Licença a quem pisa/pisou nesse chão
Licença a todos pretos/pretas velhas
Licença a todo invisivel que se faz visivel
A benção de todos os meus mais velhos
A benção de todos meus mais novos
A benção do meu vô Expedito, minero que muito me ensinou
A benção da minha vó Elci que sua força se faz presente na minha carne
A benção da minha mãe Luciene pelo amor incondicional
A benção meu pai Marcelo pelo ponto firme de apoio
A benção das confluências,
sigo confluindo com rios de riqueza
Com a flecha certeira que sempre esteve comigo
Lá vem a força, lá vem a magia
Que me incendeia o corpo de alegria
ADUPÉ
A todas pretas e pretos das confrarias Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Pretos
Que criaram redes de insurreição ao trabalho forçado
Se hoje estou livre é graças ao esforço de vocês
De conseguir entrar no sistema opresor católico
E inverter a lógica a favor do nosso povo preto
Pela sabedoria e paciencia
Pelo conhecimento de tudo que nos move e que nunca nos abandonou
ADUPÉ
Pela herança divina que sinto
Nos sonhos
Quando choro o sal é o mar que cura minhas feridas
No vento
Na floresta e nas folhas
eu fui na mata buscar lenha
Eu passei na cachoeira e lavei a mão
Senhor da pedreira, senhora da cachoeira
ADUPÉ
Pelo ferro de abrir os caminhos
Pelas encruzilhadas
Y
Quem não sabe ouvir encruzilhada não sabe escolher caminho
ADUPÉ
Pelos caminhos que preenchem minha cabeça de paz

De força que vem de lá
E que ta aqui
ADUPÉ
A lama,
A lama, A lama
Que constitui meu corpo
Que promove a vida e a morte
Berço da sabedoria que constituiu o universo
Sou de Nanã ewa ewa ewa aye
Fui chamada de cordeiro, mas não sou cordeiro não
Preferi ficar calada a levar não
ADUPE
Ao tempo
O único verdadeiro dono de tudo
O que há de mais precioso
É aquele que realmente transforma tudo
Essa obra é de todas nós e de mais alguém, que é o TEMPO.
Que me lembra que posso ser um pequeno grão de areia
Que ao saber da minha importância não tenho a necessidade de provar mais nada
ADUPÉ
Ao silencio
Aos segredos que fez essa igreja estar de pé e eu aqui
A paz de descender de um povo solar
ADUPÉ
A todas as rodas
Babalorixas e Ialorixas
Mestras e Mestres da Congada
Mestras e Mestres Jongueiros
Mestras e Mestres do Maracatu
Mestras e Mestres Quilombolas
Mestras e Mestres da Capoeira
Mestras e Mestres….
ADUPÉ
Aos quilombos
Quando duas pretas estão juntas o quilombo já ta formado
Nossas peles carregam a forma de ver a vida circular
Das nossas responsabilidades enquanto povo, de nos fortalecer
Quilombismos que se refazem todos os dias em todos os locais da diáspora africana
Muriquinho piquinino
Urugum pra onde vai? Urugum pra onde vai? Oh parente do Quilombo do Dumbá
É chora, como chora!
ADUPÉ
A todo fogo no engenho
FOGO! Queimaram Palmares, nasceu Canudos,
FOGO! Queimaram Canudos, nasceu Caldeirões.
FOGO! Queimaram Caldeirões, nasceu Pau de Colher

Mesmo queimando o nosso povo
Não queimarão nossa ancestralidade
ADUPÉ
Ao conhecimento da terra
Saber manusear o que se tem para comer
Ao conhecimento de que a melhor maneira
De armazenar o peixe
É dentro do proprio rio da vida
ADUPÉ
Ao conhecimento circular
Que agrega e não segrega
Que flui e conflue
ADUPÉ
A todos os sinais da natureza
Que me mostra a força de vocês
Quando vejo uma borboleta,
Um caramujo
Uma onça e uma folha
ADUPÉ
As ervas da Jurema
As folhas, pé pé pé
Pé de Guiné, ninguém tira a nossa força
Ninguém tira a nossa fé
Açoita Cavalo
Erva de Bicho
Casca de alho
Folha de Tabaco
Lavante
Alcachofra
Alcaçuz
Alecrim
Alfazema
Aquileia
Bardana
Boldo
Saião
Girassol
Hortelã
Manjericão
Rosa Branca
Manjerona
Tomilho
Anis Estrelado
Algodoeira
Angelica
Ipê Roxo

Obi seco
Artemisia
Cravo da India
Jasmin
Senhora Rainha, a sua casa cheira
A botão de rosa, flor da Laranjeira
Louro
Sandalo
Verbena
ADUPÉ
Ao nosso suor
A cor da minha pele
Que é da cor da terra fertil
Da cor de Ayê
A cor da minha pele que carrega todos vocês
E que me chama pra luta
ADUPÉ
A todos os ancestrais vivos e mortos que lutam pela nossa libertação
De ontem, do amanhã e do hoje.
ADUPÉ
As travestis nossas que estais no céu
Santificado seja os nossos nomes
ADUPÉ
A palha que cura
A todos os eres que nos ensinam a brincar com a vida
A todos exus e pombas giras pela sabedoria da rua
A todos os caboclos por me mostrar onde a onça bebe agua e a serpente espia
A toda cobra coral
A todos os boiadeiros
A todos os caminhos abertos
ADUPÉ
Cantar e dançar o tempo que virá
Pela vida, pelas nossas
Pelo tambor
A bandeira é brasileira
Mas nosso Rei é de Luanda
Mas nosso Rei é de Luanda
VIM DE LUANDA MEU PAI É REI
EU SOU PRINCESA NEGRA MINHA PALAVRA É LEI!
ADUPÉ
MOTUMBA
AXÉ

CAPÍTULO 4

DEUS É TRAVESTI

Calcinhas Fudida Silk[11] feat Ventura Profana

[11] Coletiva trans de serigrafias, as gatas são: Yuki Hayashi, Kaete Terra Clemente, Giorgia Narciso, Gabrielle Gambine e Venus Morena.

PEQUENO MAPA DO TEMPO

Persistir nem sempre é seguro, mas costuma ser necessario[12], foi por persistência que hoje consigo encerrar essa fase da graduação. Muito tempo de caminhada, descobertas de um mundo que pouco conseguia imaginar antes de entrar na universidade. Me ensinou que eu deveria ser branca, perdi meu sotaque, odiei a minha casa e nada adiantou. A universidade esfregou nos meus olhos a negrura dos meus ossos. Minha corpa aqui travou, não consegui passar direto pela educação serializada dos períodos. Me perdi, precisei sair, soltar a voz pelas estradas, alterar o estado de percepção, circular em dimensões, apanhar, bater e ver o fim.

A exemplo de Gloria Anzaldúa e Elton Panamby desenvolvi uma língua bifurcada, como uma cobra mansa que segura saliva e cria veneno. Resolvi em muitos momentos calar para apenas me ouvir. Quando o silêncio chegô trouxe com ele a língua que não sabia falar. Lembrei de rezar, sentir pedra, massarar erva, conversar com o mar e brincar ao som do tambor. Foi quando aprendi que se você quer cuspir na cara do mundo é melhor ter certeza de que lado está o vento[13]. Na vida quem apenas sabe atacar morre, é necessário conhecer de autodefesa e ouvir premonições.

É preciso audácia para terminar, convencer a mim mesma que sou capaz de ser conhecimento. Foi preciso vencer meus medos. Trilhei para conviver com o que me assusta. Tenho aprendido a me dar amor e a me curar pois tenho medo do que já aconteceu e do que estar por vir.

FACA DE PONTA MEU PUNHAL QUE CORTA O FANTASMA ESCONDIDO NO PORÃO

Na letra de *Pequeno mapa do tempo* música de Belchior é falado desse medo, chorei muito ao som dessa canção nesse processo. O poeta vai narrando o território brasileiro como uma vasta imensidão de terra medonha. Quanto mais eu caminhei por ai mais medo senti e mais força ganhei. Em cada canto dessa vastidão que nos diz que a morte é certeza reside uma força que se faz no chão. Nesses encontros realizei feitiços, poções de amor em cada abraço e toque de pele. Troca de sonho e motivações, ferramentas do passado que

[12] Fala da personagem Lauren Olamina no livro *A parábola do semeador* de Octavia Butler. Lauren cria uma religião ao decorrer da narrativa.
[13] Pensamento de Gloria Anzaldúa em Carta para mulheres escritoras do terceiro mundo

apresentam nas confluências dos encontros. Se posso concluir é algo é que não existe estar sozinha e agradeço muito as companhias que abriram os caminhos de escrever esse trabalho.

E o medo? Contínuo medrosa, como em uma maré circular ele também vai e volta. Tenho medo do novo de agora. Vou cuidar da minha cabeça pra boa escolha fazer. Como diz a música *medo meu boi morreu o que sera de mim? Manda buscar outra, mainha, no Piaui.* Não terminei, comecei, só existe a morte porque existe a vida. Circularemos.

BIBLIOGRAFIA

Encontros com corpas negres, pindorâmicas, mestiças, desobedientes de genero y sexualidade.

LORDE, A. As ferramentas do senhor nunca destruirão a casa grande. São Paulo: Masp, 2018.

CESAIRE, A. Discurso sobre o colonialismo. 1 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1978. Em: << https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1zJ6LMP3IiJohjQa6Cb5Q0LqpLHD3Q_c4 >>

KOPENAWA, D. A queda do céu. 3 ed. São Paulo: Schwarvz, 2010.

BISPO, A. Colonização, quilombos: modos e significações. 2 ed. Brasília: AYÔ, 2019.

OLIVEIRA, E. Filosofia do encantamento. TRANS- Nucleo de Investigação transdisciplinares. UEFS - BA. n. 7. 2003.

SCHWARCZ, L. Teorias raciais. Dicionário da Escravidão e Liberdade. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

PRADI, R. Mitologia dos orixás. 1 ed. São Paulo: Schwarvz, 2001

LIBBY, D. Mineração escravista. Dicionário da Escravidão e liberdade. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica. 1 ed. São Paulo: N -1 editoções, 2018.

BUTLER, O. A parábola do semeador. São Paulo: Morro Branco, 2018.

BUTLER, O. Kindread: laços de sangue. São Paulo: Morro Branco, 2018.

REGINALDO, L. Irmandades. Dicionário da Escravidão e liberdade. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

MESTRA PEDRINA LORDES DOS SANTOS. Catar folhas: saberes e fazeres do povo de axé. Belo Horizonte. Saberes Tradicionais - UFMG. Em: <<www.saberestradicionais.org>>